



Alice Soares  
Anestor Tavares  
Carlos Petrucci  
Leonid Streliaev  
Daniel Escobar  
Di Cavalcanti  
Ernst Zeumer  
Fábio Zimbres  
Leonardo Canto  
Leonardo Fanzelau  
Isabel Ramil  
Juliano Ventura  
Leonilson

Libindo Ferrás  
Claude Joseph Bail  
Leopoldo Gotuzzo  
Leopoldo Plentz  
Liciê Hunsche  
Luiz Carlos Felizardo  
Luiz Maristany de Trias  
Luiza Prado  
Manoel Araújo Porto Alegre  
Maria Tomaselli  
Dudi Maia Rosa  
Eliseu Visconti  
Franz  
Franz Von Lenbach  
Franz Von Lenbach  
Glauco Rodrigues  
Hans Steiner  
Iberê Camargo  
Jacob Prudêncio  
João Fahriou

Antônio Caringi  
Carlos Fajardo  
Mário Cravo Júnior  
Duda Maia Rosa  
Nara Amélia Melo  
Paulo Rossi Ossir  
Marlies Ritter  
Marina Camargo  
Evenir Comerlatto  
Francisco Stockinger  
Gisela Waetge  
Guttman Bicho  
Jac Leirner  
José de Souza Pinto

Alfred Agache  
Andrei Thomaz  
Azeredo Coutinho  
Cibele Vieira  
Pedro Américo  
Pedro Weingärtner  
Francisco Stockinger  
Gisela Waetge  
Guttman Bicho  
Jac Leirner  
José de Souza Pinto

Afonso Silva  
Arthur Timótheo da Costa  
Dakir Parreiras  
Rafael Pagatini  
Élcio Rossini  
Pierre Coulibeuf  
Rochele Zandavalli  
Saint Clair Cemin  
Sandro Ka  
Sioma Breitman  
Günter Weimer  
Henrique Bernardelli  
João Faria Viana

Vasco Prado  
Sandro Ka  
Sioma Breitman  
Günter Weimer  
Henrique Bernardelli  
João Faria Viana

Angelo Guido  
Armando Vianna  
Carlos Stein  
Clóvis Martins Costa  
Danúbio Gonçalves  
Edgar Koetz  
Estephania Fussbach  
Fotógrafo desconhecido  
Francisco Riopardense de Macedo  
Girolamo Pliotto  
J. Allair  
Virgilio Calegari

Lenir de Miranda  
Leonardo Canto  
Leonardo Fanzelau  
Isabel Ramil  
Juliano Ventura  
Leonilson  
Iberê Camargo  
Jacob Prudêncio  
João Fahriou  
Marlies Ritter  
Marina Camargo  
Evenir Comerlatto  
Francisco Stockinger  
Gisela Waetge  
Guttman Bicho  
Jac Leirner  
José de Souza Pinto  
Saint Clair Cemin  
Sandro Ka  
Sioma Breitman  
Günter Weimer  
Henrique Bernardelli  
João Faria Viana  
Virgilio Calegari

# Labirintos da Iconografia



Alice Soares  
 Anestor Tavares  
 Lenir de Miranda  
 Carlos Petrucci  
 Daniel Escobar  
 Leonardo Canto  
 Di Cavalcanti  
 Ernst Zeuner  
 Fábio Zimbres  
 Leonid Streliaev  
 Leopoldo Gotuzzo  
 Leopoldo Plentz  
 Leonardo Fanzelau  
 Isabel Ramil  
 Libindo Ferrás  
 Claude Joseph Bail  
 Luiz Carlos Felizardo  
 Franz Von Lenbach  
 Leonilson  
 Luiz Maristany de Trias  
 Luiz Prado  
 Eliseu Visconti  
 Iberê Camargo  
 Antônio Carangi  
 Carlos Fajardo  
 Manoel Araújo Porto Alegre  
 Maria Tomaselli  
 Dudi Maia Rosa  
 Evenir Comeriato  
 Frantz  
 Glauco Rodrigues  
 Hans Steiner  
 Jacob Prudêncio  
 João Ventura  
 Mário Cravo Júnior  
 Nara Amélia Melo  
 Marlies Ritter  
 Paulo Rossi Ossir  
 Francisco Stockinger  
 Guttman Bicho  
 Pedro Américo  
 Pedro Weingärtner  
 Francisco Stockinger  
 Gisela Waetge  
 Guttman Bicho  
 Hildegardo Leão Velloso  
 Jac Leirner  
 José de Souza Pinto  
 Alfredo Agache  
 Andrei Thomaz  
 Azeredo Coutinho  
 Cibele Vieira  
 Rafael Pagatini  
 Elicio Rossini  
 Pierre Coulibeuf  
 Rochele Zandavalli  
 Dakir Parreiras  
 Saint Clair Cemin  
 Hildegardo Leão Velloso  
 José de Souza Pinto  
 Affonso Silva  
 Arthur Timóteo da Costa  
 Sandro Ka  
 Sioma Breitman  
 Günter Weimer  
 Henrique Bernardelli  
 João Faria Viana  
 Vasco Prado  
 Danúbio Gonçalves  
 Estephania Fussbach  
 Francisco Riopardense de Macedo  
 Günter Weimer  
 Henrique Bernardelli  
 João Faria Viana  
 Ângelo Guido  
 Vilma Villaverde  
 Carlos Stein  
 Clóvis Martins Costa  
 Danúbio Gonçalves  
 Edgar Koeltz  
 Estephania Fussbach  
 Francisco Riopardense de Macedo  
 Girolamo Pilotto  
 Virgílio Calegari  
 J. Altair  
 Walton Hoffmann  
 W. Strawn  
 Fotógrafo desconhecido  
 Yeddo Titze

## Os Labirintos da Iconografia

Labirintos são intrincadas construções arquitetônicas que mudam de forma, a cada momento, conforme o ponto de vista dos que neles são jogados ou se aventuram: são, portanto, construções de caráter instável. Aqueles que entram em um labirinto nem sempre se dão conta de que encontrar a saída pode ser algo difícil.

A teorização das questões em torno de espaços labirínticos tem como ponto de partida o labirinto mitológico grego, construído para abrigar um ser emblemático. Essa criatura foi um filho bastardo de Pasífae (esposa do rei Minos) com um Touro que fora enviado pelo deus do mar, Poseidon, com o objetivo de punir o rei por meio do adultério da rainha. Como resultado, ela acabou dando a luz a um ser meio homem, meio touro: o Minotauro. Na medida em que ele crescia, teve que ser aprisionado no labirinto, uma construção projetada por Dédalo. Um ser híbrido, não só em sua complexão física, mas como criatura que não pertencia nem ao mundo dos homens, nem à esfera divina, o Minotauro tinha que se alimentar de jovens, que eram lançados ao labirinto. Os banquetes à criatura configuravam-se, também, como cerimônias de sacrifício aos deuses. Teseu, filho de Egeu, rei de Atenas, ofereceu-se para ser lançado ao sacrifício, pois seu objetivo era matar o monstro e resolver rixas entre gregos e cretenses. Sua apaixonada, a filha do rei Minos, Ariadne, deu-lhe um novelo de lã para ajudar a tirá-lo do labirinto. Ao conseguir matar a criatura, ele achou o caminho de volta, soltando o fio de linha que havia desenrolado enquanto entrava no labirinto. Esta é, todavia, uma sinopse de convergências das mais diversas versões desse mito.

Evocado por esse mito, o labirinto é levado à condição de *questão*, um modelo, um ponto de partida para as situações conceituais propostas pela presente exposição. *Labirintos da Iconografia* é uma exposição que exige do espectador um certo esforço, uma certa concentração para que, em confronto com as obras, o visitante possa fazer e refazer os vários caminhos, as várias leituras possíveis que são apresentadas pelas obras.

Para esse novo empreendimento do MARGS (a segunda mostra produzida pela nova gestão da instituição), foi tomado como base o acervo da instituição, transformado, assim, no núcleo central e majoritário das obras. Foram incluídas, também, assim como na mostra anterior, obras de acervos de instituições coirmãs integrantes das Secretarias de Cultura do Rio Grande do Sul e Prefeitura de Porto Alegre, bem como de coleções particulares. Tais obras estão apresentadas em situação ora de confronto, ora de diálogo, ora de justaposição. Mas não somente com trabalhos de artistas atuantes no presente, mas entre as obras de mesmo acervo, nunca antes trazidas a público em situações de paralelismo não cronológico. Devemos ter em mente que a visão que adotamos para as obras da exposição se faz através do olhar do presente: estamos recontextualizando-as com o estágio atual da arte e não com a visão das épocas nas quais tais obras foram concebidas. Trata-se de um corpo numeroso de obras representativas da produção de 83 artistas nascidos entre 1806 e 1989.

José Francisco Alves  
Curador-chefe

## Para um Modelo Labiríntico de Curadoria

A direção do Museu de Arte do Rio Grande do Sul propôs à curadoria do museu a realização de uma exposição cujos procedimentos estivessem em sintonia com um modelo labiríntico de organização curatorial. O resultado foi a exposição *Labirintos da Iconografia*.

Segundo os modelos de labirintos existentes na literatura, eles podem ser classificados em dois tipos, os *unicursórios* e *multicursórios*. Os labirintos unicursórios são constituídos por um único caminho que leva ao centro, e os multicursórios aqueles que possuem diversos caminhos e, por isso mesmo, envolvem escolha. Os modelos multicursórios podem ser definidos como requerendo intuição em oposição aos unicursórios que são mais racionais. Podemos dizer que a exposição *Labirintos da Iconografia* enquadra-se, assim, em uma proposição labiríntica/multicursória ao buscar propiciar diversas vias interpretativas, exigindo do visitante (ou da forma metafórica, do caminhante do labirinto) múltiplas escolhas interpretativas.

Sob a perspectiva de uma exposição, trata-se de uma estratégia que permite não somente uma maior envergadura de interpretação de problemas, mas um campo de atuação onde a especificidade pode ser redefinida a cada passo do processo, sem necessariamente perder a coerência interna. Ao seguir a lógica de um labirinto, com suas constantes mudanças de perspectiva, há sempre uma exigência de adaptação na abordagem do problema ao longo da trajetória, com conseqüentes reavaliações e tomadas de decisões.

Se estabelecemos uma analogia, podemos dizer que o fio de Ariadne é propiciado pelo curador ao visitante, através das diversas proposições interpretativas que ele engendra no espaço de exposições. A figura do *Minotauro* aqui é introduzida a cada passo, quando este defronta-se com uma obra. Diante dela a dimensão da criatividade se manifesta, ameaçando engolir o visitante pela ansiedade de uma eventual busca frustrada do significado. O fio condutor que lhe indica o caminho é propiciado através de uma via aberta a interpretação, levando a um próximo passo na trajetória de um ciclo de experiência que possa ser vivenciado através de uma exposição.

Gaudêncio Fidelis  
Diretor

Abertura dia 28 de junho, às 19h  
Visitação de 29 de junho a 14 de agosto de 2011  
De terça a domingo, das 10 às 19h  
Entrada franca

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI  
Praça da Alfândega, s/nº • Centro Histórico  
90010-150 • Porto Alegre/RS • Brasil  
Fone (51) 3227.2311 • Fax (51) 3221.2646  
www.margs.rs.gov.br

Apoio

MARGS

GERDAU

KORALLE

magazine luiza

MUSEU DE ARTE

Arteplantas

Cabanha do Cristiano

CAPRISUL

Killing

GOVERNO DO ESTADO RIO GRANDE DO SUL SECRETARIA DE CULTURA



